

Rompendo silêncios: uma visita ao não-lugar através da fotografia

Pollyanna Brito

Universidade Federal de Goiás, PPGCOM, IFG, Águas Lindas de Goiás, Brasil

Thais Hamada

Instituto Federal de Goiás, Brasil

Palavras-chave: Fotografia, memória, violência de gênero, violência sexual.

Introdução

Este é um texto escrito por duas mães-pesquisadoras-professoras-artistas. Nele, falamos sobre violências. Mas não somente as violências sofridas pelas mulheres participantes do projeto fotográfico que é ponto de intersecção de experiências. Com nuances autobiográficas relatamos - de forma velada, experiências traumáticas contadas da forma possível. Abrimos aqui a nossa *caixa de pandora*.

Nos caminhos que percorremos pela vida, compartilhamos mais do que o tempo de graduação juntas. Depois de alguns anos, descobrimos que as nossas histórias se cruzavam como um emaranhado de fios, pois tínhamos em comum alguns nós em nós, causados por ciclos de violência psicológica, sexual e doméstica.

Já fazem alguns anos que temos nos calado em todos os espaços que frequentamos. Representamos nossos papéis, mas não passamos de meros simulacros de nós mesmas. Somos ambas mães de meninas, e em função das diversas violências que sofremos, somos em nossos espaços familiares, profissionais e de formação, revitimizadas.

Os fios que nos emaranham são os mesmos que ajudam a nos manter em pé. São longas as ligações telefônicas e conversas em que compartilhamos sobre processos judiciais que chegam e quase cotidianamente nos levam ao nosso *não-lugar*.

Apesar de o termo *não-lugar* ser explorado pela antropologia e filosofia, principalmente, pelo antropólogo francês Marc Augé (2012), aqui, neste texto, o *não-lugar* vem representar o nosso frio na barriga, nossos medos toda vez que o telefone toca... Para além da vida instagramável e visível aos outros, a advogada liga, o coração dispara, chega um novo processo, sai uma decisão, uma nova violência se apresenta: a patrimonial, a processual. É sobre quando as crianças entram na sala, a gente sorri, esconde as lágrimas e diz: "Está tudo bem!", "A mamãe está bem!" - afirmamos como quem engole seco as pedras que nos são enfiadas goela abaixo.

Portanto, aqui, neste artigo, trazemos um pouco do nosso *não lugar*. Porque sentimos uma não-compreensão em relação a esse contexto que para muitas pessoas (principalmente, quando levamos em consideração o machismo, o patriarcado, a misoginia...), tudo isso parece algo simplório, exagero, drama, descontrole?

Em 2015 um trabalho fotográfico foi idealizado e iniciado com mulheres que foram vítimas de violência sexual na infância. Esse trabalho proporciona uma profunda experiência enquanto visualidade, memória e lugar de possíveis ressignificações, e é trazido para dialogar com o nosso *não-lugar* nos espaços físicos e subjetivos que as diversas violências nos colocaram e tentam nos manter. Relatamos como tem sido realizado esse projeto fotográfico, trazemos memórias desse trabalho costurando-as com os nossos relatos autobiográficos. Partindo da compreensão de que os atos autobiográficos, uma vez situados criticamente, podem se transformar em lugares de confronto à colonialidade, pois se tornam atos decoloniais e políticos ao exigirem posicionamentos.

Violências contra mulheres desde a infância

Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2025) mostram que em 2023 foram registrados 66.237 casos de estupro de vulneráveis, sendo 56.167 estupro de vulneráveis mulheres. Em 2024, 67.204 casos, sendo 55.927 vítimas vulneráveis mulheres. De acordo com a Lei 12.015/2009 Art. 217-A, configura-se estupro de vulnerável "Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos" e/ou ainda que seja uma pessoa que por enfermidade, deficiência intelectual ou qualquer outra causa, não ofereça consentimento ou resistência (BRASIL, 2009). Ressaltamos que os números apresentados pelo anuário se referem apenas aos casos denunciados. Pensemos, portanto, em quanto esses números seriam aumentados considerando aqueles que não foram denunciados.

Para fins de comparação e reflexão, trazemos a quantidade de estupro denunciado em 2023, 20.106, mais de três vezes menos do que a quantidade de estupro de vulneráveis no mesmo ano. Em 2024 foram 20.350, possuindo a mesma proporção em relação a 67.204 casos denunciados de **estupro de vulnerável** (BRASIL, 2009, p. 171). De acordo com o anuário, em 2024 69,1% desses casos - estupro de vulnerável, ocorreram dentro de casa; 63% desse crime foi praticado por familiar e 29% por pessoa conhecida (BRASIL, 2009, p. 251).

Há violências consideradas não letais contra crianças, sendo elas: abandono de incapaz, abandono material, subtração de crianças e adolescentes, descumprimento dos deveres inerentes ao poder familiar, maus-tratos, lesão corporal dolosa em contexto de violência doméstica, bullying, cyberbullying, estupro e estupro de vulnerável, produção ou distribuição de material de abuso sexual infantil, aliciamento de crianças e exploração sexual infantil. De todas elas, o estupro de vulnerável apresenta maior índice de vítimas dentre todas as violências, sendo crianças com idades entre 0 e 13 anos (BRASIL, 2009, p. 232).

Diante do exposto, constata-se uma evidente e histórica prática de violência sexual contra mulheres. Principalmente, com idades entre 0 e 13 anos. Ou seja, crianças meninas. Isso nos diz que a memória da ou das violências sexuais são carregadas durante quase toda a vida dessas mulheres que muitas vezes não encontram espaços para falar por serem descredibilizadas e revitimizadas.

Para além da violência sexual, essas mulheres seguem sendo vítimas de outras violências. De acordo com o Relatório Global da Organização Mundial de Saúde (OMS), com base em dados do período de 2000 a 2018, uma em cada três

mulheres em todo o mundo – cerca de 736 milhões de pessoas – sofre violência física ou sexual, principalmente por um parceiro íntimo. Essa violência começa cedo, uma em cada quatro mulheres jovens (de 15 a 24 anos) que estiveram em um relacionamento já sofreram violência de seu parceiro. As mulheres negras são as maiores vítimas de violência no Brasil. Segundo o Atlas da Violência de 2021, 66% das mulheres assassinadas no Brasil em 2019, eram negras. Isto é, a cada dez mulheres mortas, seis são negras (BERRO, GONÇALVEZ, NICODEMOS, 2022).

Com relação ao mercado de trabalho, a Agência Patrícia Galvão divulgou uma pesquisa em 2020 que revela que 76% das mulheres já foram vítimas de violência, sendo que quatro em cada dez foram alvos de xingamentos, insinuações sexuais ou receberam convites dos colegas homens para sair. Na mesma proporção, as trabalhadoras tiveram seu trabalho supervisionado excessivamente, sofreram depreciação das funções que exercem e/ou receberam um salário menor do que seus colegas homens com o mesmo cargo.

A pandemia aumentou ainda mais essas tensões, as alterações bruscas na vida das famílias e da sociedade em geral, com o isolamento, os índices de violência doméstica aumentaram consideravelmente no mundo. As mulheres tiveram ainda mais dificuldades de acesso às redes de proteção e aos canais de denúncia, o que prejudicou o levantamento real dos dados e o devido acompanhamento aos demais tipos de violência contra as mulheres (BERRO; GONÇALVEZ; NICODEMOS, 2022).

O isolamento social também aumentou a sobrecarga de trabalho das mulheres. Com o acompanhamento escolar diário, trabalho remoto, o convívio prolongado com seus parceiros dentro de casa, representando um risco, especialmente em um contexto em que as preocupações e inseguranças trazidas pela pandemia e a crise econômica, que também marca a atual conjuntura do país, elevaram as tensões e os conflitos familiares e aumento de casos de violência de gênero.

A maternidade impacta diretamente as vidas e os ciclos de violência vivenciados por mulheres. Ser mãe não é uma escolha de todas e, tampouco o desejo de ser. Ainda assim, esse é um assunto que nos perpassa pelo simples fato de sermos mulheres. Ao longo da história do feminismo a maternidade tem sido pauta constante.

De acordo com a pesquisadora Lucila Scavone (2001), ainda hoje, nas responsabilidades parentais, são as mulheres as mais sobrecarregadas. E este é um dos fatores relevantes para as mulheres recorrerem a recursos radicais como a esterilização e a opção pela não-maternidade. Ainda segundo a autora, a maioria dos estudos constata um tipo de parentalidade, onde as mulheres continuam tendo uma relação mais comprometida com os/as filhos/as do que os homens, sendo ainda elas que assumem a maioria das responsabilidades parentais (SCAVONE, 2001).

A autora apresenta as diversas formas como essas mulheres vão encontrando os seus caminhos, seus tipos de ser mãe: mães donas-de-casa, mães chefes-de-família, mães produção independente, casais igualitários e as diversas soluções encontradas por elas para os cuidados com as crianças (SCAVONE, 2001). Em nossa sociedade, infelizmente, ainda vale a máxima: *Quem pariu Mateus que o balance!* O que significa dizer que, quase sempre, os filhos ainda são de responsabilidade da mãe.

As dificuldades de quem precisa conciliar trabalho fora e dentro de casa com a maternidade, levam a maioria das mulheres a recorrerem às escolas de tempo

integral, creches públicas, babás que cobrem pouco ou nada, vizinhas que dão uma olhadinha, crianças são entregues aos seus próprios cuidados, avós, tias. Dessa forma, a maternidade vai se transformando, seguindo tanto as pressões demográficas, natalistas ou controlistas, como as diferentes pressões da sociedade e os desejos, e assim, cada mulher vai encontrando uma forma, um caminho, para sobreviver e criar os seus filhos (SCAVONE, 2001).

A cobrança social sobre a mãe sempre foi grande. A pesquisadora Georgiane Vázquez (2014) discorre sobre como surgiu o estereótipo da mãe que precisa ser perfeita. Segundo a autora, para diminuir a culpa da luxúria do ato sexual, caberia à mulher ser uma boa mãe. Ou seja, colocar a criança em primeiro lugar na sua vida, ser recatada, ser generosa, ser compreensiva e sofrer calada. Foi o movimento feminista que denunciou, por meio de sua segunda onda, que o fenômeno do patriarcado tem suas origens e se reproduz no fato da responsabilização quase que exclusiva das mulheres nos cuidados com seus filhos (VÁZQUEZ, 2014).

É por causa desse discurso que muitas mulheres deixam de estudar. Até porque o excesso de trabalho doméstico e de demandas maternas impossibilitam, total ou ao menos parcialmente, uma maior participação da mulher nas esferas sociais e profissionais. O movimento feminista da atualidade busca uma atuação conjunta entre homens e mulheres na criação dos filhos, se desejarem ter filhos (VÁZQUEZ, 2014). Entretanto, há grandes hiatos para que essa conquista aconteça de forma efetiva.

A maternidade é um dos aspectos que contribuem para que muitas mulheres permaneçam em relações abusivas e em ciclos de violência. Pois não é incomum que o genitor de seus filhos faça ameaças que os envolvam. Muitas ainda permanecem nessas relações por não conseguirem se manter financeiramente e prover o necessário para seus filhos.

Há uma estrutura social organizada para que tudo se torne e seja mais difícil para mulheres. E dentro desse espectro - de ser mulher, pode-se delimitar aspectos como: idade, ser mãe, ser negra, ser indígena, ser transgênero, status social, condição financeira, nível de escolaridade, ser imigrante, dentre outros.

De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2025), em 2024 houveram 1.492 feminicídios e 3.870 tentativas. No mesmo ano houveram 257.659 denúncias de violência dolosa em contexto doméstico, 747.683 ameaças, 95.026 denúncias de perseguição, 51.866 de violência psicológica. O 190, atendimento da polícia militar dos Estados, recebeu 1.067.556 ligações para atenderem ocorrências de violência doméstica. A pergunta que fica é: Como tratamos a infância e os desdobramentos das violências sofridas que perduram por toda a vida de tantas mulheres?

Fotografia - o retrato da memória que o corpo conta

A vida, assim como a arte, nos atravessa ao mesmo tempo em que a atravessamos. A arte em sua potente forma de expressão, tem nos ajudado a não sucumbir. A fotografia, por sua vez, tem nos permitido olhar e dizer sobre aquilo que verbalmente não podemos. Há certa sobriedade mantida porque nos expressamos através da arte e nela encontramos um lugar seguro para ser e estar.

Em 2015, eu, Thais Hamada, realizei uma pesquisa em uma instituição que acolhe e abriga meninas com idades entre 4 e 14 anos, vítimas de violência intrafamiliar. Na época, a ideia de um trabalho fotográfico surgiu com o objetivo de mapear mulheres que foram vítimas de violência sexual na infância. Essa ideia surgiu após eu ouvir um fato que aconteceu com uma menina de dez anos, cujo pai a apostou com seus amigos em um boteco e todos juntos a estupraram. Desde esse dia eu nunca mais fui a mesma e desde então eu reúno retratos como quem junta cacos e tenta se refazer com a ideia de que de alguma forma contribui para que outras mulheres também se refaçam e juntas permaneçamos e continuemos no devir da vida, quase inteiras.

Ao longo desse projeto vivi, a partir da fotografia, a fala permitida, o choro livre, o riso, o poder de escolha da imagem de si, a exposição do corpo e do subjetivo em um espaço seguro. Os relatos dessas experiências nos dizem que é possível enfrentar, ressignificar, olhar adiante e tentar seguir. Enfrentar a memória às vezes é como enfrentar o medo de novo. As mulheres que contribuíram com nossas práticas e investigações artísticas, carregam em si dores e marcas não visíveis, mas que são expressas nas fotos, nas conversas miúdas e amiúdes que acontecem em um ambiente artístico, acolhedor e seguro.

As mulheres que têm contribuído com esse trabalho não são contabilizadas, pois a proposta é de que não sejam, em nenhum momento, compreendidas enquanto dado, número, estatística. A ideia é de que cada fotografia seja um retrato que conte parte da história da mulher que foi fotografada, que encarou o medo, que se dispôs, que contou, narrou com os detalhes que conseguiu lembrar e falar sobre a ou as violências que sofreu.

Quantas fotos, quantas conversas, quantos relatos, quantas pessoas... Isso não é importante porque o que esse trabalho traz se limita ao humano. A experiência humana e seus desdobramentos não são mensuráveis. Não cabem em números que não dão conta do intocável, do intangível.

Cada imagem traz consigo narrativas de memórias que se apresentam através do corpo e que são, muitíssimas vezes, silenciadas na fala. A maioria das mulheres que compartilharam suas experiências afirmaram não contar com o apoio da família e apresentaram medo de serem identificadas pelas fotografias, ainda que estas não mostrem seus rostos.

Todas as mulheres que são parte desse trabalho foram violentadas por alguém da família ou amigo próximo. Quase todas mais de uma vez. Nos encontros, há sempre a disposição de uma escuta sensível e acolhedora para que o espaço onde estejamos se torne seguro. Todas elas precisaram de tempo para falar e só foram fotografadas quando se sentiram prontas. Algumas desistiram. Outras voltaram em outro momento. O tempo necessário para termos coragem de enfrentar a memória com tudo o que ela representa e traz, é um tempo subjetivo. A ele só cabe respeitar.

Cada mulher conta através de partes do seu corpo, a sua história. A imagem capturada sempre conta sobre a violência sexual sofrida. É onde foi tocada, é uma parte da qual gosta, é uma parte que não gosta, pede um objeto para compor a imagem junto ao seu corpo, as razões são diversas, mas a origem é sempre a mesma - a violência.

É muito comum ouvir: “Eu nunca tinha falado sobre isso!”. É curioso porque o tempo todo desde o momento da violência sofrida, essas mulheres são atravessadas e constituídas de algo sobre o qual não falam. “Meu marido não sabe!”, me disse uma. Dizendo a seguir que tinha medo porque pensava que seu marido não a iria querer se soubesse. Quantas nuances sobrepõem o que de verdade essas mulheres carregam em si? De quantos silêncios somos feitas?

Encontramos na e através da imagem um lugar de fala, atravessamos o despenhadeiro do medo e saímos do *não-lugar* onde fomos colocadas e passamos a ocupar espaços, ainda que em segredo, de forma anônima, onde podemos falar sobre quiçá, a última camada de nós.

Eu nunca sou a mesma depois de cada relato, de cada click, de cada tempo de silêncio que me atravessa através do espaço entre os meus olhos e os delas. Há um tanto delas em mim, e aqui, todas nós falamos - a fala me foi doada. Se eu fosse casa, abrigaria todas. Se eu tivesse um poder, protegeria todas. E se eu pudesse contar, contaria para todos.



Fig. 1. Fotografia do projeto com mulheres vítimas de violência sexual na infância.

A fotografia, enquanto expressão artística, nos permite olhar para nós mesmas, é um importante caminho para o autoconhecimento. Tanto o olhar fotográfico quanto o se permitir ser fotografada. Para Angela Philippini (2018), a fotografia é bastante indicada para favorecer o reconhecimento da autoimagem, permitindo a compreensão sobre a própria identidade. O trabalho com a fotografia vai além de reproduzir a realidade, uma vez que a subjetividade de cada indivíduo, reflete emoções e guarda momentos e memórias. Para Bell Hooks (2024), a fotografia ainda tem o poder de criar vínculos com o outro,

Tal é o poder da fotografia, da imagem, ela consegue devolver e retirar, ela pode criar vínculos. Essa foto (...) me proporciona um

espaço de intimidade entre a imagem e eu (...). Estou encantada, seduzida por ela, assim como outras imagens me capturaram e prenderam, me abraçaram como braços que não soltam (HOOKS, 2024, p. 6-7).

A fotografia tem a capacidade de produzir vínculos, despertar afetos, saudades, despertar memórias adormecidas e promover cura. Sobre o real valor da fotografia o pesquisador Eugênio Bucci (2008), questiona:

Dizem que, se a fotografia tem algum valor, esse valor é documental, o de ser o registro de um fragmento de tempo. Já não partilho dessa crença, pelo menos não desse modo. Creio que ela captura não o tempo, mas uma curva do espaço ou uma curva do rio. Dizem que a fotografia nos leva a viajar no tempo. Também não é o que sinto, quer dizer, não quando está em questão essa foto em particular. Não sinto que o tempo retorne quando a vejo ou quando me lembro dela, pois não sinto que aquele tempo já tenha ido embora. Sinto, isto sim, que aquela cena ainda está lá. Naquele vazio temporal em que a gente espera o peixe morder, e que o tempo não se foi, apenas o espaço se curvou e fez que a água passasse (BUCCI, 2008, p.72).

Bucci (2008) afirma que, desde Newton, estudamos o tempo da mesma forma, e para o autor, o tempo é mutável. Ele pontua que todos os álbuns de família, por exemplo, têm uma temporalidade própria, pois as imagens das famílias vivificam o passado, e assim, expandem o presente. "O retrato da mãe que já morreu sobre uma mesinha de canto faz que ela, a partir da moldura, esteja presente, como sujeito naquele espaço doméstico" (BUCCI, 2008, p. 74). O autor acrescenta

É por isso que a fotografia da canoa no córrego Marmelada não me leva a viajar no tempo; ela me leva, isto sim, a me relacionar com aquele instante que não se foi, pois aqui está, a ponto de eu poder modificá-lo e de ser modificado por ele (BUCCI, 2008, p. 74).

E aqui está, o mistério revelado: uma fotografia não nos permite voltar no tempo, mas nos permite nos relacionarmos com o presente de uma forma diferente a partir dessa memória. A luz que feriu a película, nos permite ver a mesma cena repetidas vezes, nos permite ver essa cicatriz no tempo, e é através dessa cicatriz que podemos ressignificar o presente e mudarmos a nossa realidade.

E é nesse aspecto que pontuamos que esse trabalho fotográfico possa ter contribuído com essas mulheres que sofreram violência sexual na infância. Elas não esquecerem do que aconteceu, a violência sexual que uma criança sofre é como uma cena que habita um espaço atemporal. Não passa. Está sempre lá ou aqui. Não importa quanto tempo passe, o tempo apenas se curva diante das marcas que nossos corpos e memórias carregam.

Para tanto, a partir da fotografia, abriu-se a possibilidade de que elas pudessem se relacionar com aquele instante, que não se foi, pois está aqui no presente, de forma diferente, compreendendo que podem, não modificar o passado, mas o

presente: construírem novas narrativas, se fortalecerem e encontrarem forças para se perceberem como protagonistas de suas histórias que nesse lugar pôde ser contada.

Nós...

Já fomos parte da estatística de violência sexual, violência doméstica, violência processual, uma de nós possui medida protetiva, e a outra teve até recentemente. Somos parte da imensurável estatística das violências também não denunciadas. Temos, nós duas, trinta e oito anos e há algum tempo perdemos as contas de quantos relatos de violência sexual já ouvimos e lemos.

Compreendemos que não há, neste momento, indissociabilidade entre os assuntos abordados neste artigo, assim como não há como tratá-los sem citar parte de nossas histórias e por isso trazemos a autobiografia como recurso para a construção deste trabalho.

De acordo com a socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui (2015), faz-se urgente a busca por processos de autoconhecimento, que envolvam a emoção, para que possamos redescobrir novas formas de ser e estar no mundo, pois estes são caminhos reais e possíveis contra o colonialismo, e contra o patriarcado. Segundo as pesquisadoras Manoela dos Anjos Rodrigues, Ana Reis Nascimento e Cláudia Silva (2019),

A autobiografia é um campo de produção de histórias, práticas, poéticas, localizações e dinâmicas de troca e comunicação – o que se constitui como abordagem feminista da autobiografia, distinta da compreensão convencional e canônica que a vê como narrativa coesa das vidas extraordinárias escritas por homens brancos da elite ocidental que obtiveram, ao longo de suas vidas, algum reconhecimento nos altos estratos sociais dos quais fazem parte (STANLEY, 1995 apud RODRIGUES; NASCIMENTO; SILVA, 2019, p.65).

A partir do exposto, da compreensão das histórias das mulheres que participam do projeto fotográfico e de nossas histórias, não podemos negar que a dor e o sofrimento seja um dos elementos que nos une enquanto mulheres. O *não-lugar* é um espaço subjetivo para onde vamos sozinhas com nossas dores e os fardos das diversas violências que sofremos e sobre as quais não nos é permitido falar com a frequência e liberdade que gostaríamos. Se *falar ajuda a aliviar dores emocionais*, a fotografia – o espaço de acolhimento e escuta sensível é um dos recursos que utilizamos, bem como este texto que é a primeira porta que abrimos para aparecermos e falarmos um pouco sobre o *não-lugar* onde temos estado por imposição e não por escolha. Tem nos custado muito não falar, mas também nos custaria muito falar sobre tudo.

De acordo com a pesquisadora Conceição Evaristo (2011), sempre é possível a busca pela resistência, da capacidade de habitar os espaços nas margens dos discursos hegemônicos, nas fendas, se esgueirar pelas brechas dos aparelhos de poder-conhecimento, para que se possa criar novas tecnologias de gênero. É nas práticas da vida e da arte que se encontram os possíveis desvios, “e foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam” (EVARISTO, 2011, p. 57).

Escolhemos o Seminário Internacional de Arte e Cultura Visual por ser um espaço onde nos sentimos seguras. Somos *crias* da FAV (Faculdade de Artes Visuais) e isso significa dizer que sob os olhos de quem nos formou, nos sentimos protegidas e entendemos que nesse espaço poderíamos começar a falar. Apesar de acreditarmos que todo lugar de fala, de escuta e de produção de conhecimento deva ser seguro, não estamos e portanto, não nos sentimos seguras e livres em todos os espaços, ainda que estes sejam institucionais.

Trazer a autobiografia para este texto foi uma decisão muito difícil. Falar significa se expor. Por hora, assumimos os riscos que conseguimos e podemos correr. Nossos relatos se apresentam velados, sobrepostos pelas penumbras e pelas injustiças que nos cercam através de muros construídos e mantidos pelo patriarcado, pelo machismo e pela misoginia.

Uma das falas mais marcantes em uma assembleia foi: “Aqui todos podemos falar porque aqui é um lugar seguro.” De onde vem a sensação de segurança? Quantas de nós já fomos ou somos vítimas dos vários tipos de violências? Naquele momento a sensação de segurança vinha da presença de uma pessoa. Sentir-se protegida, encoraja. Encoraja a estar, a permanecer, a falar, a enfrentar, a construir, a reestabelecer, a continuar, a lutar, a não desistir. Uma assembleia é um espaço que se constitui de alguns ou muitos microuniversos. Compartilhar histórias e entendimentos possibilita ampliar a experiência humana e nossas compreensões de mundo.

Diante de todo o exposto, compreendemos que o contato direto com pessoas em situações de vulnerabilidade oferece a oportunidade de se experimentar um modo diferente de olhar e, portanto, de compreender um universo que muitas vezes nos é alheio. Pois mesmo que estejamos também em situações ou ciclos de violências, podemos levar um tempo para que compreendamos, aceitemos ou tomemos consciência de que somos vítimas.

Acreditamos que os direitos fundamentais de todos os seres humanos devem ser garantidos e defendidos perante aqueles que violem quaisquer deles. Enfrentar micro e macroestruturas sociais para nos defendermos e defender sujeitos que sejam vítimas de violências, requer romper com uma esfera de medos que carregamos em função das injustiças que todos os dias presenciamos e vivemos.

Ao termos consciência de que as violências se perpetuam no silêncio, nós, mães-pesquisadoras-professoras-artistas, escolhemos romper a bolha dos nossos medos e enfrentar, devagar, com coragem e dentro das possibilidades de não sucumbirmos às violências que sofremos enquanto mulheres, mães, professoras e pesquisadoras. Este texto nasceu da vontade imperiosa de quebrar barreiras e sepulcros. Da busca por justiça. E quanto ao nosso fazer artístico, esse foi o que nos permitiu falar sobre aquilo que através da palavra, até hoje, não tivemos coragem e liberdade para dizer. De encontro aos nossos emaranhados *nós*, outras mulheres também puderam falar aquilo que muitas nunca ousaram dizer.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não Lugares**. 9 ed. Campinas: Papius, 2012.

BERRO, Eloisa Castro; GONÇALVES, Aparecida e NICODEMOS, Manuela.

Mulheres em situação de violência: números, avanços e desafios, 2022. Disponível em: Teoria e Debate | Mulheres em situação de violência: números, avanços e desafios - Teoria e Debate. Acessado em: 5 de agosto de 2024.

BRASIL. Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 8 ago. 2009. Seção 1, p. 2. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm. Acesso em 03 de set. 2025.

BUCCI, Eugênio. Meu pai, meus irmãos e o tempo. **8 X fotografia**. Tradução . São Paulo: Companhia das Letras, 2008. . Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/acervo-local/producao-academica/001766512.pdf>. Acesso em: 07 set. 2025.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Sociología de la imagen**: miradas ch'ixi desde la historia andina. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. **São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279>. Acesso em 2 de set. 2025.

HOOKS, Bell. **All About Love: New Perspectives**. 2024.

Percepções sobre a violência e o assédio contra mulheres no trabalho. **Instituto Patrícia Galvão/Locomotiva**, 2020. Disponível em: <https://dossies.agenciapatricialogalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/percepcoes-sobre-a-violencia-e-o-assedio-contra-mulheres-no-trabalho-instituto-patricia-galvao-locomotiva-2020/>. Acesso em: 19/9/2025.

PHILIPPINI, Angela. **Linguagens e materiais expressivos em arteterapia**: uso, indicações e propriedades. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2018.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; NASCIMENTO, Ana Reis; SILVA, Cláudia. **Autobiografia e as práticas artísticas contemporâneas**. In book: Práticas e Confrontações (pp.61-73). Publisher: Anap; UNESP. 2019.

Scavone, Lucila. **A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais**. Cadernos Pagu, 2001.

Vázquez. Georgiane. **Maternidade e Feminismo**: notas sobre uma relação plural. Revista Eletrônica Trilhas da História. Revista Eletrônica Trilhas da História; Vol 3, No 6 (Año 2014). <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/472>

Violence against women prevalence estimates, 2018: global, regional and national prevalence estimates for intimate partner violence against women and global and regional prevalence estimates for non-partner sexual violence against women. Executive summary. Geneva: **World Health Organization**; 2021. Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/341338/9789240026681-eng.pdf?sequence=1>. Acesso em: 19/2025.

Pollyanna de Oliveira Brito Melo

Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás (UFG) (FAV). Mestra em Cultura Visual (PPGACV) da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da UFG. Especialista em Artes Visuais: cultura e criação pela Faculdade de Tecnologia do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial de Goiás (SENAC- GO). Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) (UFG). Atualmente é professora efetiva EBTT (Ensino Básico, Técnico e Tecnológico) de Artes Visuais no Instituto Federal de Goiás (IFG) - Campus Águas Lindas de Goiás e membro do Núcleo de Pesquisa em Teoria da Imagem (NPTI) vinculado à UFG. Mãe atípica.

Thais Hamada

Licenciada em Artes Visuais pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Especialista em Educação Inclusiva e Atendimento Educacional Especializado pela Facuminas, e mestranda do programa de pós-graduação ProfArtes no Instituto Federal de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia. Professora efetiva da rede municipal de educação de Goiânia. Pesquiso e desenvolvo práticas pedagógicas inclusivas no ensino de artes visuais em escolas de ensino regular. Desenvolvo um trabalho fotográfico com pessoas que foram vítimas de violência sexual na infância, enquanto registro da memória e recurso de enfrentamento da violência – um lugar de fala e de escuta sensível através da imagem. Atuo na defesa dos direitos humanos e na proteção de crianças vítimas de violência.